

Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

As Representações da Infância: seus conceitos e impactos na condição sociocultural.

Thaís Oliveiras Andrade¹

tatu.oliver@bol.com.br

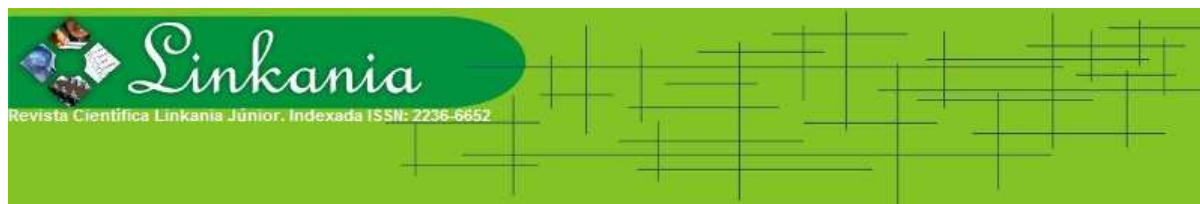
Resumo: O presente artigo traz como objeto de estudo as representações da infância desde as sociedades medievais até a modernidade. Expondo a concepção de infância ao longo do tempo, analisando como a criança era vista pela sociedade medieval, que a ignorava enquanto criança, o surgimento e o posterior desenvolvimento de certos sentimentos em relação à criança. Mostrando a origem do conceito infância, enquanto construção social, resgatando a história da infância, sua origem e seus conceitos até a modernidade.

Palavras-chave: crianças, Idade Média, infância, história, modernidade.

Abstract: This paper presents an object of study the representations of childhood from the medieval to the modern societies. Exposing the concept of childhood over time, analyzing how the child was seen by medieval society, the ignorant as a child, the emergence and further development of certain feelings towards the child. Showing the origin of the concept childhood as a social construction, rescuing the history of childhood, its origin and its concepts to the modern.

Keywords: children, the Middle Ages, childhood, history, modernity.

Estudos sobre a criança apontam que a infância sofreu e vem sofrendo um processo que decorre historicamente dos modos como foram criadas as suas imagens sociais. O interesse histórico pela infância tal como conhecemos hoje é um



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

conceito relativamente novo. Segundo teóricos, podemos localizar o início da infância a partir do século XVIII.

¹ Pedagoga licenciada pela UESB e Pós-graduanda em Educação Infantil da UESB- IT (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).

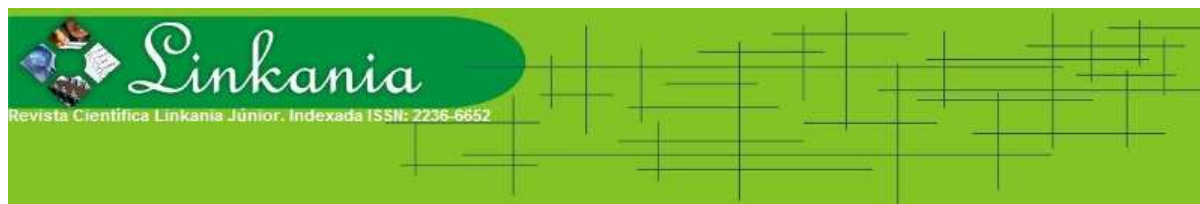
Podemos compreender a infância como a concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, segundo suas visões e opiniões. A história da infância seria então a história da relação sociocultural da sociedade e suas representações, a relação das crianças entre si e com os adultos. O que leva Áries (1981, p.17) a afirmar que:

“Até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para infância nesse mundo”.

Assim como muda os mais variados aspectos da vida humana, a relação da criança com a sociedade não poderia permanecer estática. Se há um exagero na afirmação de Áries sobre a inexistência de particularidade infantil, não vem a ser exagero as características da sociedade medieval em relação às condições da criança, sendo que as condições sociais entre adultos, crianças e jovens eram características idênticas.

A condição de muitas crianças na sociedade medieval fez Áries considerá-las mergulhada no mundo adulto, como se não tivesse infância. Segundo Áries (1981, p.10):

“A sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos”.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

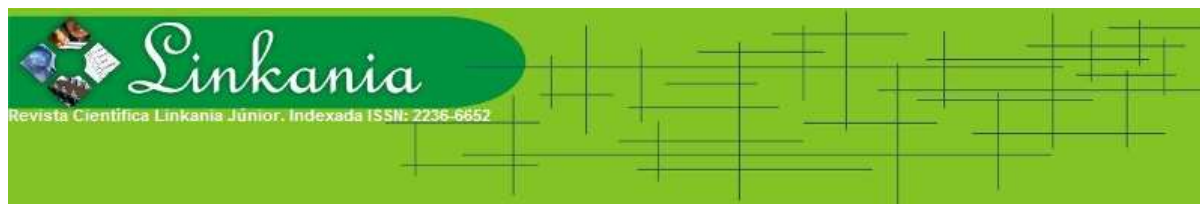
Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

Não devemos imaginar que quando falamos de infância estamos relacionando sempre a fragilidade ou algo sensível, o que se pretende é mostrar como eram tratadas as crianças em tempos remotos e a evolução que tivemos em relação ao conceito à infância. A infância era ignorada, considerada uma fase de transição rápida a ser superada e sem importância.

Até o final da Idade Média, a sociedade não reconhecia a infância enquanto um período de vida inerente aos homens, pois a criança era considerada como um “adulto em miniatura”. Dessa forma, os modos de vestir, as conversas, os jogos, as brincadeiras e até o trabalho realizado pelas crianças não a distinguiam do modo de vida dos adultos.

Não havendo uma valorização da infância, e a indiferença dessa época à criança era muito significativa. A criança era vista e tida como uma coisa divertida, mas pouco importante. Enfatizando, que a falta de cuidados com as crianças era negada, o que resultava na elevada taxa de mortalidade infantil, devido à falta de higienização e cuidados com os pequenos seres. Os hábitos de higiene e de bom comportamento não eram ensinados as crianças por que não fazia parte do costume da época. Assim que a criança superava o período de mortalidade, no qual sua sobrevivência era improvável, ela se confundia imediatamente com os adultos. As pessoas não podiam ter sentimento de afeto e apego a algo que era considerado uma perda eventual, deixando claro que a morte acontecia em grande número, por isso é atrelado ao sentimento de desapego.

Outro ponto a ser colocado é a não separação entre crianças e adulto, não havia noção de privacidade, nem nas divisórias da casa, nem em assuntos referente à moral. Diante da liberdade na qual se tratava as crianças, as grosserias das brincadeiras e da indecência dos gestos, bem como os palavrões, eram fatos e situações que não chocavam ninguém, e que ao contrário, pareciam totalmente



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

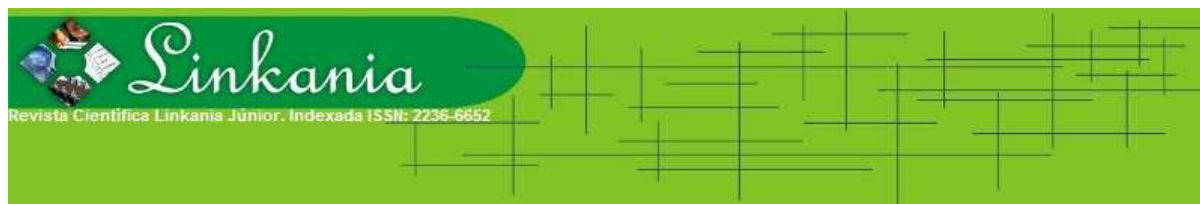
Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

normais. Os adultos não se abstinham de qualquer alusão, nem mesmo a assuntos sexuais. Fatos que nos mostra de forma nítida a total ausência de infância. “Essa prática de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos fazia parte do costume da época e não chocava o senso comum”. (Áries 1981, p.77).

O respeito à criança era então totalmente ignorado, os adultos permitiam tudo diante delas, de linguagens grosseiras a ações e situações escabrosas, expondo as crianças a ouvirem e verem tudo. A falta de reservas diante das crianças, em relação a hábitos e brincadeiras que giravam em torno de temáticas sexuais, para nós na modernidade é surpreendente, porém, essas atitudes diante da sexualidade e a própria sexualidade variava de acordo com a cultura, o meio e, por conseguinte as épocas e mentalidades.

Acreditava-se que os contatos físicos, os gestos e comportamentos obscenos só passavam a ser proibidos quando a criança atingia a puberdade, ou seja, o mundo dos adultos. Logo, os gestos e alusões não tinham consequência sobre a criança, já que as práticas não maculavam a inocência da mesma. Inocência essa que para muitos não existia. Portanto, a criança não recebia tratamento diferente, era tratada como um adulto pequeno, desta forma não havia reconhecimento da infância.

Até nos trajes utilizados pelas crianças na Idade Média, não eram diferenciados, entre roupas de adultos e as vestimentas das crianças. Já que o conceito de criança se baseava em critérios econômicos e não em critérios biológicos (baseado na idade). Após o período dos primeiros cuidados, a criança era vestida como homens e mulheres conforme sua condição social: servo, nobre ou religioso, os trajes utilizados por ambos acabavam se confundindo, era inexistente a particularização de trajes, como ocorre nos dias atuais, para períodos designados pela infância. Os trajes se confundiam devido uma inexistência de razão ou sentido de particularização, pois, o tamanho era a única diferença entre os trajes e sentimentos entre adulto e crianças.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

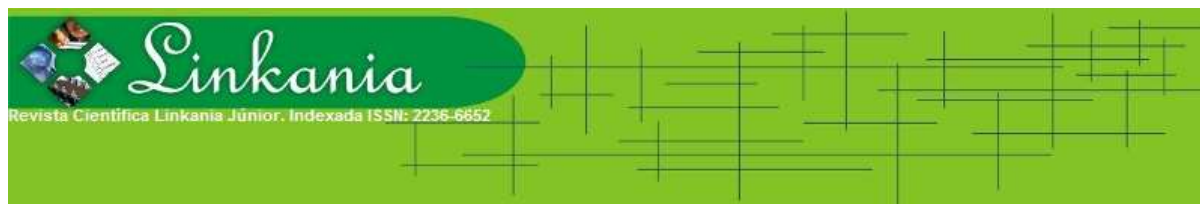
De criancinha pequena, transforma-se imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, a criança era diferente do homem só pelo tamanho e força física. “Os cuidados com as crianças nem sempre foram os melhores e nem sempre estas consideradas seres sociais completos ou, em muitos casos, nem mesmo seres sociais”. (Silva, Macedo e Nunes, 2002, p.12).

A verdade é que sempre houve criança, não houve sempre a infância com características identitárias distintas, com fases etárias próprias. Na Idade Média, a infância terminava para a criança aos serem desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente no mundo dos adultos. Sem falar que as famílias não desenvolviam afetividade pelas crianças e não havia a preocupação em cuidar deles com sentimentos fraternos.

Na época as famílias nem se quer conservava os próprios filhos em casa enviavam-lhe a outras famílias, para que morassem e aprendessem as maneiras e trabalhos domésticos ou ofícios. Os ofícios se confundiam com formas de aprendizagens, como forma de educação. Nessas condições a criança se afastava da família a partir do período do desmame (entre seis e sete anos), portanto, a família não poderia ter uma relação sentimental, existencial e profunda entre pais e filhos, porém, isso não afirma que os pais não amassem seus filhos.

O cuidado com os problemas físicos, morais e sexuais da infância, eram preocupações não tratadas pela civilização medieval. Só a partir do século XVI, as realidades e os sentimentos da família e as visões sociais começavam a se transformar em uma revolução profunda e vagarosa, os problemas morais, familiares também apareceram sob uma nova perspectiva. Áries (1981, p.194), aponta que passa-se a admitir que: “ a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, antes de deixá-la unir-se aos adultos”.

O século XVII é o marco da transição da família medieval para a moderna. Inicia-se a modificação de concepção da infância, porém, ainda é diferente do lugar



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

privilegiado que a infância ocupa nos dias atuais, sendo à criança o centro das atenções. Salienta-se, que é no século XVII, o momento em que se pode perceber, significativamente, a mudança do papel das crianças na sociedade apesar de desde o século XIII ela estar em desenvolvimento.

As concepções sobre a criança transformaram-se intensamente no decorrer do século XVIII, resultado de um longo processo social. Se antes a criança era percebida e tratada como “um adulto em miniatura”, nesse momento histórico ela é percebida com um ser específico.

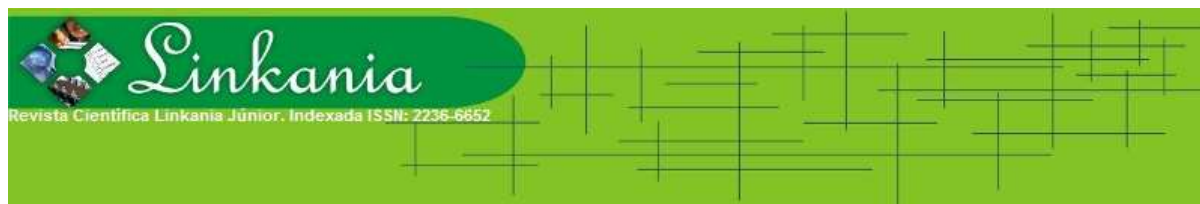
Considerando tais aspectos Kramer (1984, p.19) aponta que:

“Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é determinado historicamente pela modificação das formas da sociedade”.

A partir da Idade Moderna, iniciaram-se algumas rupturas em relação aos modos como as pessoas percebiam, tratavam e se relacionavam com as crianças. Podemos destacar algumas mudanças e atitudes que podem ser consideradas como idéias que caracterizem o termo infância na sociedade contemporânea.

O pensamento da sociedade contemporânea tem por referência a separação entre o mundo dos adultos e das crianças. A importância do estudo desta temática histórica permitirá a compreensão da construção das diferentes percepções da sociedade sobre crianças e adolescentes, além da própria construção do direito da criança.

As concepções socioculturais da infância são vista hoje com uma mentalidade bem diferenciada em relação à sociedade medieval. Nos tempos contemporâneos a criança ganha traços marcantes e identitários. Como afirma Sarmiento (2000, p.15):



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

“contemporaneamente se afigura como o traço mais marcante da infância é a mudança e pluralização das suas identidades”.

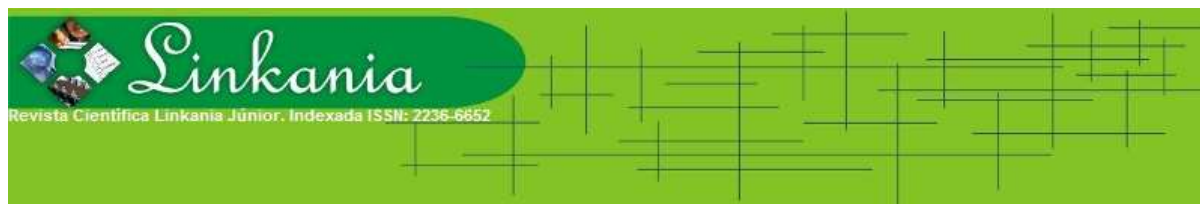
Podemos destaca como exemplos de mudanças de mentalidade dos dias atuais, a constituição da família que estrutura-se com base na fortificação dos laços familiares, onde a criança torna-se sujeito das preocupações e cuidados do adulto. Nasce então a disposição afetiva de preocupação em relação aos que elas devem vestir, quais brincadeiras e brinquedos podem brincar, o cuidado com a higiene do corpo, entre outros.

Emerge também a busca de uma educação adequada para os sujeitos em seus períodos de vida específico, tendo com pressuposto o ideal de ser humano que conhece e pode tudo. A construção de teorias e paradigmas, em especial na sociologia e psicologia, que focalizam em seus estudos a compreensão do universo infantil, surgindo uma subdivisão em fases mais específicas da infância.

Ressalta Kramer (1986, p. 79) que: “a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas”.

Hoje a criança é vista como um ser social, sujeito de sua história e produtora de cultura, com fases de idades que devem ser respeitadas em suas diferenças. A palavra infância passa a ser cada vez mais difundida, bem como uma atenção específica para seu período inicial, desde o seu nascimento, o que não acontecia na sociedade medieval.

Assim como tudo muda no mundo incluindo os vários aspectos da vida humana, a relação da sociedade em relação à infância não foi diferente, e não permaneceu imóvel. Ao longo dos séculos XIX e XX, chega-se a conclusão que a infância é um fenômeno histórico, e com o passar dos dias foram multiplicando as propostas e ações dirigidas às crianças, sejam na educação, políticas públicas, saúde, enfim nas diversas esferas da sociedade contemporânea.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012

Referências

RODRIGUES, Walkíria Machado; VERONESE, Josiane Rose Petry. **Papel da criança e do adolescente no contexto social: uma reflexão necessária.** Disponível em <http://www.direitoejustica.com>. Consultado em 20 de maio de 2002.

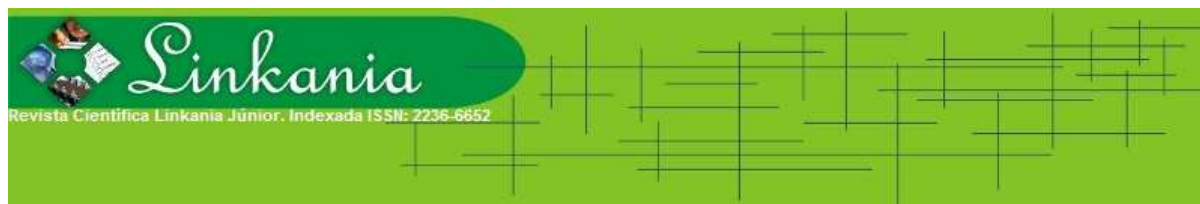
ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

KUHMANN Júnior, Moysés. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Disponível em: www.scielo.com.br. Consultado em 23 de Agosto de 2011.

FARIA Filho, Luciano Mendes, org. **A infância e sua educação – matérias, práticas e representações.** (Portugal e Brasil) / organizado por Luciano Mendes Faria Filho. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manoel Jacinto; **Infância (in) visível.** Organizadores. – Araraquara. SP: Junqueira&Marin; 2007.

BARROSO, João. Nota de apresentação. In: J. Barroso (org.) **A escola entre o local e o global.** Perspectiva para o século XXI. Lisboa: Educa, 1999.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 3 - Abril/Julho de 2012